

Helena Kozlakowski Patrício

nº USP 9066831

RITO FÚNEBRE

TCC Bacharel

2023

www.ritofunebre.com





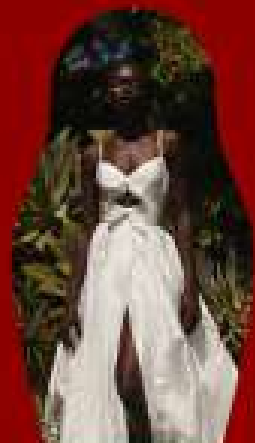
















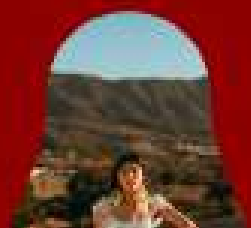


















helenakozla@gmail.com

©2023 por Helena Kozlakowski

Sobre

Rito fúnebre (2023) é uma composição artística multimídia sobre socialização feminina e a violência masculina em relacionamentos heterossexuais, que combina uma série de colagens digitais e de relatos gravados, em formato de áudio. Essa obra foi desenvolvida pela artista Helena Kozlakowski, como seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o bacharel em Artes Visuais, na Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da artista e professora Dália Rosenthal.

Forma

Símbolo

Créditos

Origem

Forma

O conjunto totaliza 201 imagens, compostas por fotografias de noivas encontradas na internet (através de pesquisas no Google, pesquisas no Pinterest, bancos de imagens, etc.) e pela repetição de uma camada vermelha superior, recortada com a silhueta vazada de uma matrioska, boneca russa tradicional.

A parte sonora contém 69 relatos de feminicídio, que foram noticiados no Brasil dentro de um período de um mês, do dia 19 de março ao dia 19 de abril de 2023. A pesquisa dos relatos foi feita a partir do memorial de vítimas de feminicídio, "Quem Ama Liberta", criado e gerenciado por Regina Jardim. Por sua vez, as vozes que constam na gravação de áudio são de 50 mulheres diferentes, que foram convidadas a participar do projeto e encaminharam os arquivos via whatsapp. (Veja mais sobre essas colaboradoras mais abaixo em "Créditos")

O trabalho pode ser apresentado virtualmente, como se demonstra na página inicial deste site, mas também instaurado presencialmente, seja em vias urbanas ou dentro de espaços expositivos. Quando disposto presencialmente, se materializará por meio de lambe-lambes e uma caixa de som, ou de lambe-lambes e uma impressão em estêncil de um QR Code, que permitirá que os apreciadores possam escutar a parte sonora em seus próprios aparelhos celulares, com o uso de fones de ouvido.



Símbolo

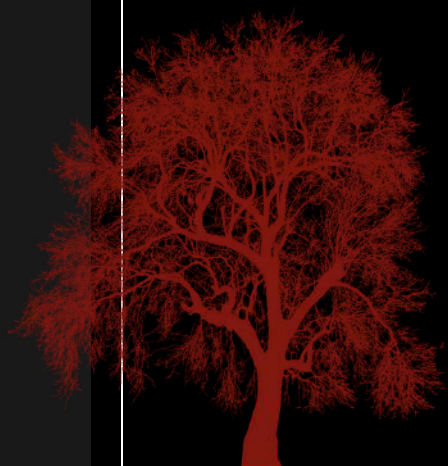
A árvore e a boneca

Na antiga Mesopotâmia, há mais de 6 mil anos atrás, a árvore e a serpente foram símbolos que representavam a deusa. Mais tarde, esses signos aparecem no mito da criação judaico-cristã como a árvore da vida, a árvore do conhecimento e a serpente, co-responsável pela expulsão do primeiro homem e da primeira mulher do paraíso.

Curiosamente, a árvore do conhecimento era proibida e a serpente foi transformada em uma vilã, não poderia mais a mulher se associar a ela. Com o tempo, com a expansão dos sistemas patriarcais e em nome do lucro, foi se intensificando a reificação da natureza que, assim como a mulher, foi tratada como produto a ser desfrutado e apropriado por homens.

Na Rússia, no fim do século XIX, nasce a primeira Matrioska. Retirada de seu ambiente natural, a madeira da árvore lília foi entalhada e modelada nas mãos de um habilidoso artesão, para então ser ornamentada com uma pintura que representava uma mulher, com lenço na cabeça e vestes decoradas de motivos florais. A partir da primeira boneca, foram confeccionadas outras bonecas, que funcionaram como caixas não convencionais ou camadas, que guardavam a original. O conjunto simbolizava as várias gerações, a linhagem familiar, a maternidade e o cuidado. Era um brinquedo, mas também um objeto decorativo, que veio a se tornar parte importante da tradição russa.

[Veja mais](#)





Créditos

"Em agradecimento à minha orientadora Dália Rosenthal, a todas as professoras que tive ao longo da graduação, à Regina Jardim e a todas as amigas e amigos que de alguma forma contribuíram para esse projeto, fosse emprestando suas vozes ou me ajudando a refletir durante o processo."

- Helena Kozlakowski



Em memória

19/03/2023 Leonora dos Santos, 31 anos, ES
19/03/2023 Danielle Alvez Veloso, 28 anos, MS
20/03/2023 Monalisa de Lima Simões, 21 anos, CE
20/03/2023 Márcia da Costa, 50 anos, PR
23/03/2023 Nagela Eduardo Alves, 37 anos, CE
24/03/2023 Hemili Giuriatti Ribas, 39 anos, SC
25/03/2023 Laila Vitória Rocha, 20 anos, RS
26/03/2023 Sabrina Gomes Moura, 31 anos, MG
27/03/2023 Larissa Rodrigues, BA
27/03/2023 Kerlyn Tiepo Zanon, 26 anos, SC
28/03/2023 Samara da Silva Amaral, 22 anos, RS
28/03/2023 Eliana Pereira Neves, 52 anos, SP
28/03/2023 Cicera Cristina, 42 anos, PE
30/03/2023 Cinthya Mendieta, 32 anos, MS
30/03/2023 Emmily Rodrigues, 26 anos, BA
31/03/2023 Atila Jorge de Freitas, 22 anos, SP
01/04/2023 Águida Ibiapina Leite da Silva, 19 anos PB
01/04/2023 Maria Clara Duarte, PI
01/04/2023 Gilene Paulo de Souza, 36 anos, DF
01/04/2023 Ivana Gomes Vieira, 45 anos, MG
01/04/2023 Andrea Garcia Rodovalho, 47 anos, MG
02/04/2023 Aldenilza Costa da Silva, PA
02/04/2023 Fernanda Cristina de Lima, 40 anos, SP
02/04/2023 Eliene Martins dos Santos, 48 anos, PA
03/04/2023 Vanda Maria de Olivera, 58 anos, RJ
03/04/2023 Danielle Rocha Goyana, 41 anos, PA
04/04/2023 Michele Vila Pinto, 33 anos, RJ
05/04/2023 Renata Menezes Marques, 34 anos, RS
05/04/2023 Renata Tereza de Sousa Manoel, 35 anos SP
06/04/2023 Antônia Almeida Serafim, 53 anos, BA
07/04/2023 Uma mulher de 65 anos, SP
07/04/2023 Naiele Cristine Rodrigues de Assis, 24 anos, MG
07/04/2023 Renata Dantas dos Santos, 19 anos, RN
07/04/2023 Tatiane dos Santos Cândido, 33 anos, RO
07/04/2023 Jacirlene dos Reis Santos da Cruz, SC
08/04/2023 Clotildes Cardoso, 26 anos, PI
08/04/2023 Janete Batista Malheiro Lells, 44 anos, MS
08/04/2023 Eliana Fernandes dos Santos, 40 anos, PR
09/04/2023 Naiara Paula da Conceição Silva, 29 anos, PR
09/04/2023 Maeva de Oliveira Bastos, 46 anos, CE
09/04/2023 Alcione Batista Barbosa, 40 anos, AM
09/04/2023 Rosely Lima Ferreira Dutra, 29 anos, RJ
09/04/2023 Vanuza Spala de Almeida, 41 anos, ES
10/04/2023 Maria Imperatriz dos Santos, 40 anos, SE
10/04/2023 Priscila de Souza Gomes, 28 anos, RJ
10/04/2023 Maria Vitória Barbosa, 18 anos, BA
11/04/2023 Aline Vasconcelos da Silva, 32 anos, PB
11/04/2023 Maria Elizângela Recliano da Silva, 39 anos, MT
11/04/2023 Jane Freire Souza, 17 anos, AC
12/04/2023 Cristina de Sousa Santos, 32 anos, DF
12/04/2023 Aurora Souza, 1 ano, BA
12/04/2023 Maria Márcia Loliola, 20 anos, SP
12/04/2023 Maria Moreira da Silva, RO
13/04/2023 Elisangela Ferreira, 41 anos, PR
13/04/2023 Camila Raquel Kopp, 29 anos, RS
14/04/2023 Ana de Souza Santos, 43 anos, MG
14/04/2023 Luana Gomes Cafaccio, 20 anos, PR
15/04/2023 Charlene Ferreira Nascimento Teixeira, 37 anos, MG
15/04/2023 Bárbara Bessa, 25 anos, CE
15/04/2023 Cristiane Huka, 38 anos, SC
15/04/2023 Cristiane dos Santos, 46 anos, CE
17/04/2023 Lucidalva Silva Santos, 43 anos, BA
17/04/2023 Kathelin Souza, 18 anos, SP
17/04/2023 Edvanilda Santos da Silva, 22 anos, RO
17/04/2023 Maria Mirelis Oliveira Rodrigues, 40 anos, SP
18/04/2023 Clemair Sutil, 45 anos, PR
18/04/2023 Janaina Rocha de Oliveira, 41 anos, BA
18/04/2023 Edinete Mesquita, 39 anos, MA
19/04/2023 Silmara Cristina de Moura, 38 anos, SP
19/04/2023 Stefani Cardoso dos Santos, 20 anos, SP



Quem ama liberta

Depois de perder a filha Priscila Jardim por feminicídio, a professora Regina Célia da Costa Jardim iniciou um memorial a vítimas de feminicídios no Brasil através das redes sociais. Todos os dias ela pesquisa por notícias de mais casos, para atualizar os perfis de instagram e facebook. A partir do trabalho de Regina, com sua autorização, foram selecionados os relatos utilizados na camada sonora de 'Rito Fúnebre'.

[@quem.ama.liberta](#)

[Facebook Quem ama liberta](#)



Narradoras

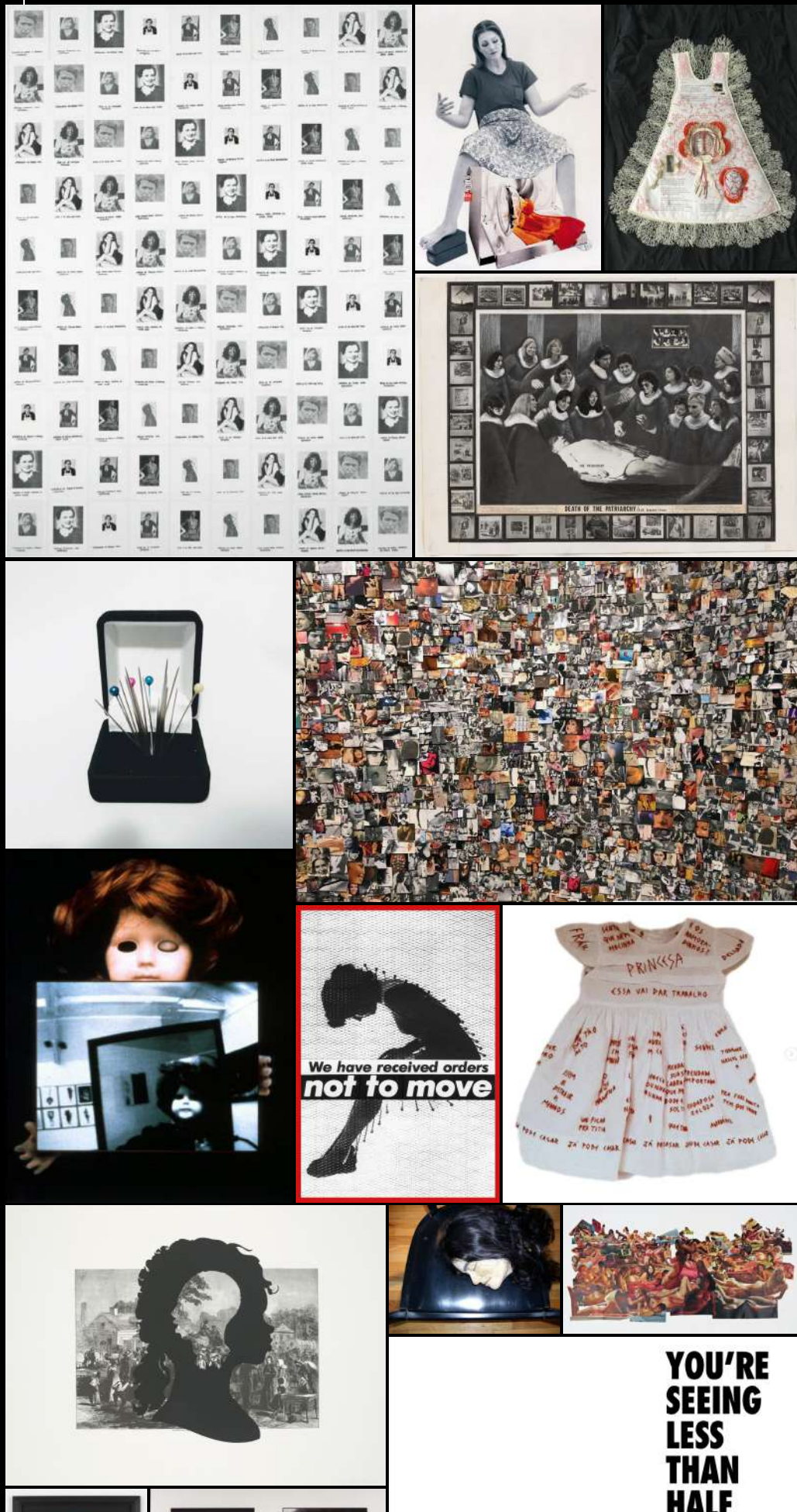
Amanda Novaretti
Amanda Novaretti
Amanda Rocha Magalhães
Amanda Tabarelli
Ana Bia
Ana Clara Souza Marins
Andressa Galhardo
Ava Gaia
Beatriz Mustella
Bia Portugal
Brigiti Bandini
Brisa Kamulenge Silva
Camila Alves
Caroline Moina
Cíntia Milanese
Cristiana Ramos
Gabi Almeida
Giovanna Afonso Bueno
Gisela Carvalho
Helena Bueno
Helena Kozlakowski
Isa Meneghini
Izabella bellezzo ferreira
Jade Terra
Jessica Camargo Grum
Joana Martins
Juliana de Almeida
Juliana Gomes do Nascimento
Larissa Alves
Larissa D. Ferreira
Larissa Pavan
Leticia Nascimento
Lúbia Figueiredo
Malu Duarte
Maria Mesquita
Maria Raquel
Marília de Paula
Nay Macedo
Raquel Helena Bueno Cardoso
Renata Safosapa
Roberta Bordoni
Ruana Castro
Sandy Leite
Sara Sallum
Tainara de Vasconcellos
Thais Beatrice Padilha
Thais Cruz Russo
Thaysa Freire Rodrigues da Cunha
Viviane de Brito
Xulia Hausner



Origem

Nesta seção você irá encontrar um texto escrito pela artista sobre todo o percurso e processo criativo que desembocou na produção de "Rito Fúnebre", mas também algumas de suas referências artísticas para esse projeto e obras literárias que a influenciaram.

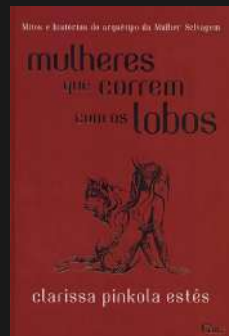
Inspirações artísticas





Inspirações literárias

Mulheres que Correm com Os Lobos
Clarissa Pinkola Estés



Genealogia do trabalho

nas palavras da artista

Diferentemente dos processos criativos de outros artistas, sempre me guiei por assuntos que me interessavam pesquisar, para então decidir qual seria o melhor jeito de transmitir ao mundo as reflexões que partiram desses estudos. Tirando proveito da minha multidisciplinaridade, utilizo as linguagens artísticas à serviço das mensagens, do que quero comunicar, não o contrário. Em meu entendimento, a arte é política mesmo quando o artista opta por produções abstratas, meta-linguísticas ou figurativas, cujo foco central da pesquisa está em torno da composição de cores, texturas, linhas e formas. Afinal, toda escolha é uma renúncia, então toda escolha é ideológica, até mesmo a de não abarcar determinados temas.

Tendo toda minha experiência de vida sido atravessada pelo fato de ter nascido mulher, algo que não poderia escapar mesmo se quisesse, desde o início da minha graduação em Artes Visuais estive compromissada com a causa feminista, que influenciou profundamente minha produção artística e pesquisas teóricas, que em sua maioria relacionavam gênero e arte. Desse maneira, escolher uma temática feminista para o Trabalho de Conclusão de Curso foi uma consequência orgânica dessa trajetória...

[Veja mais](#)

helenakozla@gmail.com

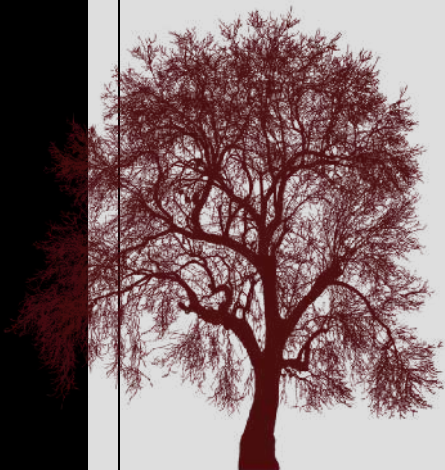
©2023 por Helena Kozlakowski

Voltar



Símbolo

A árvore e a boneca



Na antiga Mesopotâmia, há mais de 6 mil anos atrás, a árvore e a serpente foram símbolos que representavam a deusa. Mais tarde, esses signos aparecem no mito da criação judaico-cristã como a árvore da vida, a árvore do conhecimento e a serpente, co-responsável pela expulsão do primeiro homem e da primeira mulher do paraíso. Curiosamente, a árvore do conhecimento era proibida e a serpente foi transformada em uma vilã, não poderia mais a mulher se associar a ela. Com o tempo, com a expansão dos sistemas patriarcais e em nome do lucro, foi se intensificando a reificação da natureza que, assim como a mulher, foi tratada como produto a ser desfrutado e apropriado por homens.

Na Rússia, no fim do século XIX, nasce a primeira Matrioska. Retirada de seu ambiente natural, a madeira da árvore lília foi entalhada e modelada nas mãos de um habilidoso artesão, para então ser ornamentada com uma pintura que representava uma mulher, com lenço na cabeça e vestes decoradas de motivos florais. A partir da primeira boneca, foram confeccionadas outras bonecas, que funcionaram como caixas não convencionais ou camadas, que guardavam a original. O conjunto simbolizava as várias gerações, a linhagem familiar, a maternidade e o cuidado. Era um brinquedo, mas também um objeto decorativo, que veio a se tornar parte importante da tradição russa.

De certa forma, a matrioska sintetiza em uma imagem o simbolismo da domesticação da mulher, descrita de forma poética por Clarissa Pinkola Estés, em seu livro "Mulheres que correm com os Lobos". Esse processo, que alguns chamariam de socialização feminina para a feminilidade, se trata da imposição, desde o nascimento, de gostos, vontades e sonhos, de padrões de comportamento, personalidade, temperamento e estética, que se espera que mulheres atendam em sociedades patriarcais. Em oposição, segundo a autora, a mulher selvagem seria a mulher livre, mais próxima da natureza, mais conectada com a própria intuição, com os próprios ciclos, insubmissa, a que se movimenta, e que conhece e se utiliza de todo seu poder criativo - que vai muito além da habilidade de gestar e cuidar de outros seres humanos, ou de realizar funções domésticas.

Na dinâmica da supremacia masculina, a feminilidade seria todo o conjunto de signos que expressam submissão, enquanto a masculinidade seria todo o conjunto de signos que expressam a dominação. Por outro lado, o feminino seria o conjunto de experiências intrínsecas a quem nasce do sexo feminino, relacionadas ao funcionamento do corpo, às necessidades do corpo e ao trato da saúde no geral, enquanto o masculino seria o conjunto de experiências intrínsecas a quem nasce do sexo masculino, também ligadas ao corpo. Nos sistemas patriarcais, feminilidade e feminino são tratados como sinônimos, apesar de não serem. E o corpo masculino é tido como o padrão, o neutro, tudo é construído a seu favor, a ciência, a arquitetura, o design, enquanto o corpo feminino é tido como o outro, um masculino inferior, e suas necessidades são ignoradas a não ser em benefício de sua exploração.

A boneca russa, que um dia já foi uma matéria bruta, foi remodelada de acordo com os gostos do seu inventor. Pela sua forma e aparência, nos remete à importância da beleza na feminilidade, mas também à restrição de movimentos, à imobilidade. Como bonecas, meninas desde pequenas são coibidas a se manterem belas, dedicando horas à aparência. É exigido que usem roupas bonitas, como os vestidos, mesmo que isso afete sua mobilidade, mas também são compelidas a fecharem as pernas e a não se sujarem. Muita movimentação pode fazer com que os penteados se desmanchem, os adereços caiam, ou que alguma parte do corpo fique acidentalmente exposta.

Em contrapartida, a quantidade de camadas internas da matrioska nos remete à maternidade compulsória e à ancestralidade, fazendo refletir sobre quantas mulheres ao longo da história passaram pelo impiedoso processo de feminilização até o momento presente, quantas foram forçadas ou coagidas a serem mães, e o quanto as violências contra as mulheres se repetiram ao longo das gerações. Existem traumas que são ancestrais e por isso são tão profundos e devastadores, difíceis de superar. No caso, o trauma gerado pela violência masculina é o que faz a roda da dominação masculina girar.

Não obstante, as camadas das matrioskas também fazem refletir sobre a quantidade de camadas que estruturam o patriarcado ocidental, que atualmente é um sistema globalizado, completamente complexificado, cheio de instituições, regras, leis e aspectos culturais. Ou seja, não há uma solução simples ou única para esse problema. Ou mesmo, as camadas também podem nos fazer refletir sobre o quanto tudo isso é complexo dentro de nós mesmas, na estruturação individual e psicológica de cada mulher, posto que cada experiência é única, apesar de terem pontos em comum umas com as outras. Se não fizermos o trabalho de abrir e revelar cada camada, jamais saberemos o que reside internamente. É preciso ser proativa e ter iniciativa para descobrir. Mas em primeiro lugar, é preciso ter interesse.

A cada movimento que se faz para abrir uma das bonecas, reside a pergunta de quantas mais ainda terão de ser abertas até chegar ao objeto (ou objetivo) final. À princípio pode parecer infinito, mas esse processo tem fim. Principalmente quando se alcança o lugar de consciência de que o mais importante esse tempo todo nunca foram as camadas propriamente, mas a matéria em si. Nós mulheres, não somos inorgânicas, mas orgânicas e estamos vivas. Bom... Pelo menos muitas de nós ainda estão.

Vale lembrar que as bonecas, em geral, são objetos feitos para crianças, portanto se tratam de uma figura humana a serviço de um tipo de educação, que pode ser libertadora ou não. No conto de Vasalisa, personagem de uma tradicional história da Europa Oriental, anterior à invenção das matrioskas, a boneca que ganha da sua mãe, feita à sua imagem semelhança, é usada para despertar sua intuição, o autoconhecimento, a autoconfiança e o autocuidado. Mas esse não é o uso comum. Infelizmente, na cultura patriarcal as bonecas ou são usadas para ensinar as meninas a se tornarem como uma, manipuláveis, ornamentais, estáticas, sem vontades ou desejos próprios (boas filhas e boas esposas), ou para ensiná-las o papel reprodutivo que irão desempenhar no futuro (boas mães). Ou seja, são usadas para adestrar as meninas para servir e cuidar do outro, apenas o outro.

Não que a maternidade não seja uma experiência belíssima, de grande valor e importância, essencial e estrutural para qualquer sociedade. Porém ela se torna compulsória onde há a dominação masculina, quando deveria ser apresentada como uma possibilidade dentre tantas outras na vida de uma mulher, possibilidade esta que ao ser escolhida deve ser bem planejada e amparada. Por sua vez, o cuidado para com o outro também é um ensinamento fundamental que sustenta qualquer comunidade, todavia não é estimulado na socialização masculina na mesma intensidade, e as mulheres acabam sustentando esse peso sozinhas. Meninos aprendem a se priorizar, ao passo que meninas aprendem a cuidar de si mesmas em última instância, se é que aprendem. Na feminilidade o dispositivo materno é sobre-explorado, o que acaba tornando-as eternamente dependentes daqueles os quais elas projetam sua carência.

As noivas como Cinderelas

Como descreve Gerda Lerner em seu livro "A Criação do Patriarcado", é em prol do controle reprodutivo que as fêmeas humanas são incentivadas a se relacionarem com homens. As trocas ou raptos de mulheres nas sociedades caçadoras-coletoras, teorizadas por Lévi Strauss, com o tempo foram institucionalizadas diplomaticamente pelo casamento. Assim, seria possível garantir a reprodução de novos membros, de novos trabalhadores e trabalhadoras que garantiriam a continuidade e o sustento da comunidade; e que mais tarde possibilitariam uma maior acumulação de recursos pela parcela masculina do grupo, que já explorava o trabalho feminino. Isso porque, com o fim do nomadismo, a carga de trabalho dos homens diminuiu ao passo que a carga de trabalho feminino se acumulou. Como diria Flora Tristan, precursora de Marx, "A mulher é a proletária do proletariado" e é através do matrimônio que os homens historicamente conseguem suas servas.

Veja bem, a manutenção da vida é um trabalho essencial. Se não há alguém gestando, ninguém nasce. Se não há alguém cozinhando, ninguém come. Se não há limpeza, o ser humano adoce. Se não há alguém cuidando, a criança fica em perigo, o doente não se recupera e o velho padece. As mulheres tradicionalmente fazem o trabalho que é a base para a sobrevivência de qualquer sociedade. Porém esse trabalho é pouco valorizado, sub-remunerado (quando remunerado), chato, repetitivo e sem fim. Idealmente deveria ser compartilhado entre todos os humanos viventes de modo que sua carga fosse aliviada. No entanto, para a maioria dos homens o casamento é uma maneira de transferir essa carga, que antes estava nas costas de suas mães, para as costas de suas esposas, e com isso se verem indefinidamente livres dessa responsabilidade. Claro, é muito mais barato ter uma esposa que realize essas funções, do que contratar profissionais para executá-las.

Mas, é plausível perguntar: se até hoje é por meio do casamento que homens conseguem ter tempo livre para uma maior acumulação de recursos, o que ganham as mulheres ao se relacionarem com homens? A psicóloga Dee L. Graham certamente responderia que, atualmente, ao não recusar a heterossexualidade e o matrimônio, mulheres têm muito mais chances de sobrevivência social. A alienação ideológica é tão grande, que a recusa leva a estigmas como os de "baranga", "mal-amada", "mal-comida" e "sapatona", resultando em exclusão. Só é tida como uma mulher de valor aquela que foi escolhida por um homem, pois se nenhum homem a quis, só pode significar que é uma mulher 'ruim', 'indgina', e no mínimo 'detestável'. Sobrevivência social hoje pode parecer algo supérfluo, mas em muitos momentos da história significou questão de vida ou morte, e no fim das contas, ainda somos uma espécie co-dependente uns dos outros.

Historicamente o casamento foi uma das únicas vias possíveis para as mulheres ascenderem de classe, posto que mulheres apenas acessavam riqueza e poder através da concessão de homens, fossem parentes ou maridos. Mas também, ao largo da história, é possível notar que muitas vezes as solteiras foram perseguidas e ostracizadas, tendo em vários momentos sido expulsas do mercado de trabalho e impedidas de exercerem outras atividades pagas para além da prostituição. Mesmo na prostituição, a vida nunca foi fácil. Por diversos períodos, mulheres prostituídas foram criminalizadas, como demonstra, por exemplo, a autora Silvia Federici em seu livro "Calibã e a Bruxa".

Assim, a infância também é o momento no qual se inicia a romantização do matrimônio, a doutrinação para a heterossexualidade e para a maternidade. A boneca adulta, como a Barbie, é onde meninas projetam suas expectativas de futuro, influenciadas pelas comédias românticas e histórias de princesas. E o que não é uma noiva senão uma espécie de 'Cinderela' que finalmente conquista seu dia de brilho e luxo? A cultura promete que se forem boas o suficiente, um dia finalmente serão amadas por pelo menos algum daqueles que as maltratam desde pequenas. Como consequência, sonham com isso e contam com esse momento em que finalmente irão encontrar um protetor. É notável, inclusive demonstrado por pesquisas, o quanto meninos tratam suas colegas do sexo feminino com desdém ou aberto desprezo. Em paralelo, meninas são ensinadas que esse desprezo é um sinal de amor, que com sorte florescerá de uma bela maneira no futuro.

Sentindo-se incapazes de escapar do sistema de supremacia masculino, um jogo com regras criadas pelos próprios homens, no qual qualquer mulher que desafia a norma corre o risco de sofrer violência e no qual todas se sentem ameaçadas constantemente de sofrer violência (principalmente por meio de assédios), as mulheres escolhem que é melhor se aliar a aqueles que as atemorizam, tentando ganhar o inimigo por dentro, do que se opor abertamente a eles. Essa pelo menos é a teoria da já citada Dee L. Graham, autora do livro "Amar para Sobreviver - Mulheres e a Síndrome de Estocolmo Social", que associa a psicologia das mulheres à psicologia do oprimido ou à psicologia de uma pessoa em situação de cativo.

Para a autora, além de tentar amolecer o coração do abusador, a associação da vítima com ele também acontece como fruto de um fenômeno psíquico de dissociação. É melhor se alienar dos perigos eminentes do que estar consciente, pois isso seria demasiadamente aterrorador. Então, a idealização e a supervalorização de qualquer sinal de bondade é uma forma de manter esperança de que com o comportamento adequado, sendo capaz de ler seus sinais, compreendê-lo e atender a suas expectativas, basicamente sendo uma 'boa moça', ou uma 'parceira ideal', a violência irá cessar.

Depositar a responsabilidade em si mesma é uma forma de se iludir de que há qualquer controle sobre a situação. Mas a realidade que encontram dentro dos relacionamentos não poderia ser mais dura. A verdade é que não é possível ter qualquer controle sobre as atitudes e comportamentos do outro, que invariavelmente irá fazer o que desejar, o que for mais conveniente, o que for mais confortável para si. A mudança é sempre uma escolha individual, que geralmente só acontece por pressão coletiva. Se um homem pode violentar sua esposa sem que isso resulte em represália, por que ele deixaria de fazer?

A quebra de expectativa

No trabalho, o recurso da repetição da silhueta da boneca e do tema é usado para evidenciar como funciona o uso de narrativas visuais em prol da ideologia patriarcal. Tirando as imagens de um contexto ordinário e colocando-as em conjunto, fica muito mais óbvio o quanto são recorrentes. Combinando a visualidade com os relatos de feminicídio, a obra revela como é frequente a idealização da heterossexualidade, ao passo que não nos damos conta da frequência exorbitante de violências a que mulheres estão suscetíveis ao se relacionarem com homens, sobretudo ao risco de se tornarem vítimas de feminicídio. Nesse sentido, a obra é um index tanto da romantização dos relacionamentos, quanto da mais devasta consequência dessa romantização.

Individualmente, cada fotomontagem presente no trabalho irá transmitir uma emoção. Na maioria a mulher se apresenta como uma espécie de vênus, produzida para que aquele momento represente o ápice de sua beleza. Algumas se assemelham a uma Barbie em uma embalagem, outras a princesas, outras buscam uma beleza mais natural, porém em todas está presente o dispositivo narcísico. Existe um prazer estimulado pelo patriarcado em ser observada, admirada e desejada. Perseguir a beleza é a forma comum que a maioria das mulheres encontram para serem valorizadas e vistas. A beleza é um capital, uma vez que é um fator importante no processo de serem escolhidas por um homem. E, no fim das contas, em sociedades patriarcais são eles que têm o poder de validar uma mulher ou não.

Algumas montagens irão lembrar um aquário, onde paira uma sereia. Representam um ambiente esteticamente aprazível e organizado, ou naturalmente exuberante, que de alguma forma transmite felicidade, mas que é limitado pelo viés dos papéis sexuais, sintetizados pela silhueta da boneca. A liberdade tem um limite. Em outras, a composição se assemelha a uma mulher em um caixão, ainda mais por conta dos véus, das flores e da repetição do casulo, que postos lado a lado lembram a imagem aérea de um cemitério, como as que

vimos televisionadas durante a pandemia da covid-19. 'Rito Fúnebre' trata o casamento como um rito de morte simbólica, mas por vezes real, tendo em conta a quantidade de mulheres que são mortas por parceiros ou ex-parceiros.

Nos contos de fadas, as mulheres boas demais geralmente estão mortas. São sacralizadas na memória as mães que perderam suas vidas. Isso porque no patriarcado, a boa vítima é aquela que morre. Morrer parece ser o único jeito seguro de comprovar que de fato foi vítima, ainda que no caso de Angela Diniz, nem isso tenha sido o suficiente. No podcast "A Praia dos Ossos" são reproduzidos áudios do primeiro julgamento de seu assassino, no qual a defesa alegou que Angela tinha um impulso suicida e praticamente queria ser morta.

Ver a diversidade entre as imagens, seja étnica, geográfica, temporal ou estética, provoca uma pergunta: O que há em comum entre todas elas? Ou, o que há em comum entre todas nós? As imagens provocam gatilhos, porque tocam nesse lugar afetivo que reside, de alguma maneira, em cada uma de nós. Os sonhos estão expostos em mural, mas a dureza está no fato de que estão despidos da idealização. É um choque de realidade. Ouvindo os relatos, apreciadoras podem se questionar: poderia eu ter sido vítima de feminicídio? Ou, posso eu vir a me tornar uma vítima de feminicídio? Como se precaver das violências é um pensamento recorrente. Entretanto, é um beco sem saída. Nenhuma mulher se envolve com um homem imaginando que um dia ele será o seu algoz. E assim, seguem jogando a roleta russa do amor.

O fenômeno da clivagem, a separação rígida entre protetores e predadores, que impossibilita ver o lado bom e ruim simultaneamente, acontece justamente para favorecer um distanciamento e trazer a falsa sensação de que a violência nunca pode acontecer consigo. Esse trabalho, por sua vez, tem a intenção ativa de romper esse distanciamento e fazer com que as mulheres se tornem conscientes do quanto estão vulneráveis, por mais que isso seja doloroso. Afinal é apenas com o devido reconhecimento que será possível por fim ao grave problema da violência masculina contra mulheres e, para além disso, da supremacia masculina como um todo.

Não seria mais efetivo contrariar a bossa nova e encontrar uma maneira de ser feliz sozinha?



helenakozla@gmail.com

©2023 por Helena Kozlakowski

Voltar



Genealogia do Trabalho nas palavras da artista

Sempre me guiei por assuntos que me interessavam pesquisar, para então decidir qual seria o melhor jeito de transmitir ao mundo as reflexões que partiam desses estudos. Tirando proveito da minha multidisciplinaridade, utilizo as várias linguagens artísticas a serviço daquilo que quero comunicar, não o contrário. Em meu entendimento, a arte é política mesmo quando o artista opta por produções abstratas, meta-linguísticas ou figurativas, cujo foco central da pesquisa está em torno da composição de cores, texturas, linhas e formas. Afinal, toda escolha é uma renúncia, então toda escolha é ideológica, até mesmo a de não abarcar determinados temas.

Tendo toda minha experiência de vida sido atravessada pelo fato de ter nascido mulher, algo que não poderia escapar mesmo se quisesse, desde o início da minha graduação em Artes Visuais estive comprometida com a causa feminista, que influenciou profundamente minha produção artística e pesquisas teóricas, que em sua maioria relacionavam gênero e arte. Desse maneira, escolher uma temática feminista para o Trabalho de Conclusão de Curso foi uma consequência orgânica dessa trajetória. (Para saber mais de produções anteriores ao Rito Fúnebre, acesse a página "bio" do site)

Na época que iniciei a disciplina de projeto de graduação, demonstrava particular interesse no estudo da representação feminina pré institucionalização de patriarcados e em abordagens ecofeministas, muito inspirada por trabalhos de artistas como Ana Mendieta, Mary Beth Edelson e Nancy Spero. Por indicação da professora Sumaya Mattar, comecei a leitura do livro "Mulheres que Correm com os Lobos", da psicóloga jungiana Clarissa Pinkola Estés, que levou à produção de uma escultura inspirada em figuras femininas do neolítico, chamada "La que Cría".

Porém encontrei certa dificuldade ao dialogar com outras mulheres sobre essa produção, já que não diferenciavam feminino de feminilidade e essencializavam o "ser mulher" em certos estereótipos patriarcais, ou seja, adotavam a perspectiva masculina sobre si mesmas, ainda que não em sua totalidade. O próprio conceito de socialização feminina, que parte da ideia de que a feminilidade seria fruto de uma construção social, lhes parecia difícil de assimilar, pela problemática de diferenciar o que seria natural, inato, do que seria cultural, e o que seria individual, particular, de uma experiência coletiva comum. Se existem padrões de comportamento, não seriam eles fruto da própria natureza feminina? E se a socialização é coercitiva, porque existem tantas exceções às regras?

Por esse motivo, comecei a desenvolver a vontade de investigar como opera essa socialização, desde o nascimento até o final da vida, em contextos históricos e geográficos diferentes, para poder desmistificar determinados preconceitos e desnaturalizar a dominação masculina. Quem sabe assim, seria possível inclusive responder à pergunta de porque tantas mulheres reproduzem machismo e compactuam com a própria opressão. Até porque parece contraditório atuar em oposição ao próprio benefício. No fim das contas, é preciso questionar: "O que mulheres efetivamente ganham compactuando com o patriarcado?"

A Imagem da Mulher

Sem dúvida, nesse processo de socialização, narrativas visuais desempenham um papel decisivo, porque corroboram para um processo de alienação ideológica e para provocar a sensação de que é impossível escapar de determinado destino. Mais que isso, através delas são apresentados modelos de identidade a serem internalizados, auto afirmados e adorados. A dominância masculina, portanto, não se impõe apenas por meio do medo e da dor, como também permeada de muito afeto e amor, sendo assim transmitida a futuras gerações, mesmo por mulheres, em forma legado, ou mesmo de forma inconsciente. Ao longo dos séculos a imagem da mulher foi manipulada para a construção de um ou mais ideais de feminilidade, em oposição à masculinidade, em prol de sistemas patriarcais.

Como desenvolvimento dessa reflexão, foram feitas pesquisas de imagens que representavam mulheres, tanto na história da arte quanto na cultura popular, de diversos períodos históricos e regiões, principalmente ocidentais, a partir das quais foi produzido um vídeo, que indicava as relações entre elas e entre algumas poucas representações de homens, com finalidade de comparação. Vale ressaltar que a maioria dos autores dessas imagens eram homens, por uma questão de acesso ao ensino, mas também apagamentos históricos, algo que pode ser melhor entendido a partir da leitura do artigo "Porque não houveram grandes artistas mulheres?", de Linda Nollchin, ou por meio da leitura de produções da pesquisadora Ana Paula Cavalcanti Simioni, como "O corpo inacessível", "Eternamente Amadoras", "Profissão artista" ou "Mulheres Modernistas".

Na totalidade do conjunto, alguns temas se destacaram mais do que outros. Como uma constante, mulheres foram exaltadas tanto na função de matronas, ou seja, na função materna, doméstica, de esposa e do cuidado, sintetizadas principalmente na figura de Maria, quanto na função sexual, como ícones de beleza, lascívia e sensualidade, sendo nesse caso uma grande parcela das retratadas mulheres em situação de prostituição e, mais recentemente, atrizes de cinema e cantoras. Até hoje, essas duas personificações são as que mais se repetem na cultura de imagens e representam dois lados de uma mesma moeda. Em ambos os casos esses papéis sociais são desempenhados em benefício aos homens.

No passado, algumas exceções aconteceram, por exemplo, no caso de mulheres pobres e ou racializadas que foram pintadas em outros contextos de trabalho, como servas domésticas, camponesas em lavouras, vendedoras em feiras ou escravizadas no cultivo do açúcar. Ou mesmo em sátiras preconceituosas racistas ou classistas. Ainda assim, era comum que membras desses mesmos grupos fossem erotizadas em outras imagens, mesmo em situação de escravização, como se estivessem disponíveis sexualmente aos observadores e, principalmente, a seus patrões e 'mestres', como em "A Escrava Romana" de Oscar Pereira da Silva. Em períodos mais recentes, se vê a representação de mulheres no mercado de trabalho remunerado de forma mais ampla, porém ainda permeada de concepções que incentivam o assédio moral e sexual. Nos anos 60, mulheres estadunidenses aparecem em propagandas como secretárias que excitam seus chefes sexualmente, ou como aeromoças bonitas que iriam entreter os passageiros de vôos com muito mais do que a própria aparência.

Mulheres indígenas também não escaparam à sexualização. Com frequência foram representadas como tentações exóticas, como nos trabalhos de Gauguin, como selvagens indomáveis, em gravuras européias sobre canibalismo, mas também foram muitas vezes representadas mortas, como em 'Moema' de Victor Meirelles. De certa forma, essas imagens vão de encontro com representações de bruxas européias, na transição do feudalismo para o capitalismo, também tidas como perigosas sedutoras, adoradoras do demônio que, segundo as narrativas, igualmente apreciavam a nudez e operavam rituais - como demonstrado pelo livro da cientista social, Sílvia Federici, "O Calibã e a Bruxa". As insubmissas e subversivas, consideradas malignas, também foram tema de muitas pinturas,

principalmente na figura de Eva, a 'pecadora original'. A principal mensagem é que deveriam ser controladas ou exterminadas, caso a primeira alternativa não fosse possível.

De forma contundente, analisando a progressão das imagens, também é possível notar as inúmeras transformações nos padrões de beleza, não só expressos na aparência como também nas vestes, cortes de cabelo, penteados e maquiagens. O que não se transformou, porém, foi a concepção da beleza como um ideal a ser perseguido, como característica imprescindível da 'boa' fêmea, que primariamente a torna admirável, fosse madona ou prostituta. Não que a beleza não fosse, de nenhuma forma, considerada parâmetro para medir a bondade ou o caráter masculino, porém, na maioria dos sistemas patriarcais, foi imposta de forma mais extrema às mulheres, para as quais os critérios sempre foram mais rigorosos. Mulheres ao longo da história utilizaram muito mais artifícios de beleza do que homens, que não raro prejudicavam sua mobilidade, como os sapatinhos de lótus, os espartilhos, os vestidos de várias camadas ou os sapatos de salto. A partir das imagens, é possível notar como as próprias diferenciações das roupas femininas e masculinas serviram e ainda servem para indicar a diferença de status entre os dois grupos.

Mais recentemente, conforme foram diminuindo os volumes de roupa requeridos, as diferenciações precisaram ser exaltadas de outras maneiras, como por exemplo no uso de roupas justas, curtas e acinturadas que demarcam a silhueta feminina, ressaltam seus atributos sexuais e deixam as mulheres em constante alerta de um possível 'escape', ao passo que homens heterossexuais se viram livres para utilizar roupas cada vez mais largas e confortáveis. Mais do que isso, a diferenciação precisou se tornar ainda mais pronunciada no próprio corpo feminino, agora sujeito a ideais de beleza ainda mais extremos, que não raro necessitam de alterações cirúrgicas, injeções, silicone e regimes severos para se concretizarem. Atualmente a demanda patriarcal é que mulheres se maquiem compulsoriamente, eliminem todos pelos de seus corpos, lutem contra o próprio envelhecimento e gastem todas suas economias em roupas, acessórios e todos os tipos de produtos de beleza.

Através das imagens, também é possível notar como após a industrialização, também se industrializou a pornografia, que passou a se inserir de forma cada vez mais cotidiana e naturalizada na cultura popular. A erotização da dinâmica de dominação e submissão ficou ainda mais explícita na representação feminina, com a adultização e sexualização de meninas e a infantilização de mulheres adultas. A sensualidade, inclusive, se apresenta com frequência combinada de elementos infantis, como no videoclipe de Britney Spears "Baby one more time", onde a cantora dança sensualmente em uniforme de colegial, no videoclipe de Pedro Sampaio com Luiza Sonza, "Atenção", que conta com cenários e figurinos que fazem referência ao clássico infantil "A Fantástica Fábrica de Chocolate", ou mesmo no videoclipe de ZAAC "Mais uma", com participação de Anitta, na qual a cantora chupa um sorvete fálico enquanto cavalga em um unicórnio mecanizado de brinquedo.

Enquanto a concepção de beleza masculina predominante se expressa em signos que ressaltam sua força, liberdade, poder, seja a postura destemida ou o olhar de determinação, independente de sua idade; a concepção de beleza feminina predominante se expressa em signos que vão no sentido oposto, que ressaltam a fragilidade, a docilidade, a subserviência, a inocência, a completa doação e anulação de si e a jovialidade. Mesmo quando considerada 'poderosa', ou 'empoderada', o poder da 'femme fatale' reside justamente na capacidade de seduzir e excitar homens, o que não deixa de ser uma forma de subordinação, já que em última instância cativar homens é o que garante que uma mulher seja vista, valorizada e reconhecida, e com isso tenha alguma chance de acessar pelo menos parte do poder masculino. Em sociedades patriarcais é através da aprovação 'deles' que 'elas' conseguem recursos, patrocínios, publicidade, cargos e tronos, aprovação que pode ser revogada a qualquer momento. Ou seja, enquanto a beleza da mulher, independente da sexualidade, é um recurso de sobrevivência e constitui-se como signo de submissão, a beleza do homem heterossexual é um mero facilitador do acesso masculino às mulheres e constitui-se como signo de poder.

Como bem colocou a psicóloga Dee L. Graham em seu livro "Amar Para Sobreviver", sobre as modificações estéticas a que mulheres se sujeitam: "Será que os homens se sentem atraídos por mulheres que fazem essas coisas porque tais ações comunicam até onde estamos dispostas a ir para conquistar a aprovação e o amor deles? Os homens sentem atração por mulheres que fazem essas coisas porque tais ações comunicam a eles que nós não temos grande estima por nossos corpos (femininos)?"

De fato, para além da apreciação masculina há uma apreciação narcísica na obsessão de mulheres pela própria imagem, que faz com que muitas se sintam regozijadas ao serem observadas e validadas por homens. O erótico está em ser objeto de desejo para o outro, não no prazer por si própria. Mas isso também faz parte da construção social patriarcal, afinal as fêmeas foram historicamente retratadas como sujeitos a serem observados, não sujeitos que observam. Não à toa, cerca de 85% dos nus femininos em museus de arte moderna representavam mulheres, como denunciou o coletivo de artistas Guerrilla Girls em 1989.

A objetificação sexual exercida por homens atinge mulheres de todas as idades, raças e classes econômicas. Mulheres em espaços públicos eram e ainda são tidas como propriedades públicas, ao passo que mulheres em espaços privados eram e ainda são tidas como propriedades privadas. A regra patriarcal é: esposa ou prostituta (em alguns casos funcionária), todas devem servir aos homens sexualmente como troca de sua sobrevivência econômica. Ou então, se não exercer a função de principal objeto sexual, a mulher casada deve ao menos servi-lo limpando sua sujeira, preparando sua comida, seu prato, gestando e criando seus filhos, e cuidando da sua saúde física e emocional. Até porque se a violência sexual é a forma pela qual o patriarcado consolida a afirmação do pênis sobre a vagina, a reprodução e a acumulação de recursos decorrente dela são os principais motivos pelo qual existe esse controle em primeiro lugar.

Olhando para a questão comportamental, o conjunto de imagens acumuladas representa uma verdadeira enciclopédia de gestualidades a serem copiadas por mulheres no convívio social e, principalmente, nos jogos de sedução. Porém, embora importante, apenas a visualidade não é o suficiente para compreender todas as camadas da socialização, que envolvem influências no temperamento, personalidade, conduta, moralidade, atitudes, escolhas, etc. A cultura machista é muito mais ampla, se expressa na cultura oral, escrita, sonora, audiovisual, teatral, nos costumes e muito mais. Não obstante, a mais importante descoberta dessa investigação foi o uso da repetição como recurso discursivo de afirmação da ideologia patriarcal, ao passo que o apagamento de imagens dissidentes também foi necessário para garantir a soberania da perspectiva masculina no universo simbólico.

Contemplando o trabalho de outras mulheres artistas, nasceu a reflexão de que embora existam inúmeras obras de teor feminista em museus e mercados de arte, sobretudo considerando a efervescência dos anos 60 e 70, estas ainda não foram difundidas o suficiente, pelo menos no Brasil. Com isso, os debates que suscitam ainda não se popularizaram como poderiam. Ainda hoje na educação básica prevalece uma visão eurocentrada, branca e masculina da história da arte. Mas o recurso da repetição não serve apenas ao dominante como também pode e deve ser utilizado contra a hegemonia, de modo a subvertê-la.

Na minha opinião, se faz necessário multiplicar a quantidade de criações artísticas feministas, antiracistas e anticapitalistas, que tanto sinalizem e denunciem como opera o uso das linguagens artísticas em favor dos sistemas vigentes, quanto ressignifiquem a realidade, sinalizando e batalhando por outras alternativas de mundo. Ou seja, não basta apenas denunciar, ou apenas ressignificar, ambas as práticas são necessárias para uma verdadeira transformação. Ao mesmo tempo que, para dar espaço ao novo, o velho precisa ser jogado fora, os vazios provocados pelas denúncias precisam ser preenchidos, substituindo adequadamente o que já não serve mais. Pois se não há verdadeira proposta de futuro, predomina o medo de abandonar o tradicional, que já é conhecido. Portanto, crítica e ressignificação são processos complementares.

No caso de 'Rito Fúnebre', a obra se adequa mais ao estilo de produção de denúncia, enquanto outras produções se propõe à função de ressignificação, como a já citada 'La que cria'. Uma grande inspiração para o 'rito' foi o trabalho "My Birth" da artista Carmen Winant, que descobri ao fazer a pesquisa sobre a Imagem da Mulher. Trata-se de uma acumulação de mais de duas mil imagens de partos e preparações para partos dispostas sobre uma parede do MoMa. No caso deste trabalho, não há intenção de denúncia, pelo contrário é uma exaltação, mas o uso da repetição fez refletir como colocar as imagens lado a lado provocou uma compreensão mais ampla da magnitude do evento. Com isso, fiquei com vontade de reproduzir de alguma forma o mesmo procedimento.

A pesquisa de imagens de representações femininas causou grande impacto em colegas conhecedores da teoria feminista e da história das mulheres - em outras pessoas nem tanto. Parte do público que assisti sequer reconheceu a produção audiovisual decorrente da pesquisa como arte. Em alguns casos, temas passaram despercebidos, como a problematização da maternidade como também lugar de exploração, enquanto que o tema que se sobressaiu foi a objetificação sexual, talvez o mais conhecido. A mera inclusão de imagens de mulheres fora de um contexto de sexualização causou incômodo por justamente destoarem do conjunto predominante, como se não fizessem parte também dessa mesma estrutura. Por esses motivos, concluí que precisava ir mais a fundo na pesquisa e apresentação formal do trabalho, aprofundando e esmiuçando temas separadamente.

Sobre a questão da beleza, já tinha lido trechos do livro "O Mito da Beleza" de Naomi Wolf e sentia vontade de ler também "História da Beleza" de Umberto Eco, porém deixei para me debruçar sobre esse tema em outro momento. Também já tinha começado a leitura de "O Calibã e a Bruxa", que só fui terminar depois, porque estava mais interessada em compreender as origens históricas da dominação masculina, muito anterior à caça às bruxas. Por isso priorizei o livro "A Criação do Patriarcado", de Gerda Lerner, que fez com que toda minha pesquisa sobre representações femininas fizesse muito mais sentido, esclarecendo dúvidas e dando corpo a reflexões que ainda eram incipientes. Nesse sentido, a obra foi um divisor de águas.

A Criação do Patriarcado e a questão do casamento

A autora do livro tece a sua própria teoria, com base em evidências, de como iniciou a dominação masculina, antes mesmo da institucionalização dos patriarcados nos estados arcaicos. Resumindo bastante a sua tese, provavelmente, os grupos caçadores-coletores tinham mais chances de sobrevivência se as mulheres e crianças do grupo fossem poupadas e protegidas, pois quanto menor um grupo, menos força de trabalho ele tem e mais suscetível ele fica a ser exterminado, seja por fome, evento climático, ataque animal ou por conflitos com outros grupos.

Com isso, as mulheres se afastaram das atividades militares e de caça de animais de grande porte e se focaram em outras atividades, principalmente o trabalho reprodutivo. Mas, sendo consideradas valiosas, acabaram se tornando vítimas de trocas diplomáticas com outros grupos e de sequestros. Assim teria começado a reificação que teria se agravado com a mudança de estilo de vida para a agricultura, que teria possibilitado ainda mais tempo livre aos homens, enquanto elas continuaram sobrecarregadas por suas tarefas, que se acumularam. Gerda teoriza que nesse momento, além de os homens terem conquistado muito prestígio através das suas conquistas militares, o modelo da agricultura necessitava de bastante mão de obra, portanto de bastante trabalho reprodutivo.

Ou seja, a divisão sexual do trabalho que começou como uma estratégia de sobrevivência foi manipulada e aproveitada para possibilitar uma desigual acumulação de recursos pela classe sexual masculina.

Mais adiante ela vai discorrer sobre toda a estruturação dos estados mesopotâmicos, analisando leis, imagens, registros de achados arqueológicos, cartas, selos, mitos e poesias. Acima de tudo, lendo sua análise fiquei impressionada com o quanto nossos valores, como sociedade ocidental, ainda são semelhantes aos valores daquele tempo. As legislações citadas expressam uma ideologia ainda presente. Por exemplo, na época era concedido o direito de matar a esposa em caso de adultério, ou de matar caso ela decidisse se separar, se assim o homem desejasse. A partir dessa leitura, meu coração se tranquilizou, porque pude entender os processos históricos que nos trouxeram até aqui e confirmar que a dominação masculina não é natural. Muitos fatores influenciaram a sua consolidação global, desde questões geográficas, sociais e culturais, a guerras e problemas climáticos.

Com este livro, compreendi que a capacidade reprodutiva das mulheres é de máxima importância para sistemas patriarcais como um todo, por isso ainda hoje existem tantas restrições e ataques aos direitos reprodutivos das mulheres. Afinal, sem a reprodução, não haveriam trabalhadores e trabalhadoras a serem explorados por sistema hierárquico algum. Portanto, o controle reprodutivo é a base para a acumulação de recursos em qualquer regime desigual.

Descobri que as primeiras pessoas escravizadas ao redor do globo foram mulheres, fato que só pode ter sido ocultado durante minha escolarização. Ao invés de matar as populações como um todo, os homens aprenderam a poupar as mulheres para levá-las como espólio de guerra a suas terras natais. Além de trabalhar nos plantios, na produção têxtil, ou como serviços domésticas, as primeiras escravizadas também eram exploradas sexualmente.

Não à toa, até hoje mulheres são maioria na pobreza, visto que ainda realizam uma porção exorbitante de trabalho não remunerado. Segundo a ONU Mulheres, "O valor do trabalho de cozinhar, limpar, cuidar de crianças e dar atenção a pessoas idosas – tarefas que a economia depende – representa entre 10 e 39% do PIB. Pode pesar mais na economia de um país do que pesam a indústria manufatureira ou a do comércio." E, segundo relatório da Oxfam, meninas e mulheres dedicam cerca de 12,5 bilhões de horas, todos os dias, ao trabalho de cuidado não remunerado, o que equivale a uma contribuição de pelo menos 10,8 trilhões de dólares ao ano à economia global. Esse valor é mais do que três vezes o valor da indústria de tecnologia mundial.

Aprendi que as hierarquias de classe e raça entre mulheres, foram criadas e fomentadas de forma proposital para desmobilizar-nos enquanto grupo. Privilégios de classe foram concedidos a mulheres dependentes e obedientes de classes mais altas. E o próprio fato de vivermos cercadas de nossos opressores, dividindo teto com eles, também prejudicou e ainda prejudica nossa organização, posto que inevitavelmente desenvolvemos laços afetivos com eles. Em comum, todas as mulheres foram e ainda são colonizadas sexualmente.

Mas também aprendi que, assim como na atualidade, o acesso de mulheres ao poder dependia da concessão masculina, geralmente via herança ou casamento, que podia ser revogada a qualquer momento, a depender de como se comportassem. Sobre a antiga sociedade mesopotâmica a autora escreve: "Para as mulheres, a classe é medida pelos seus vínculos sexuais com um homem, que então lhes proporciona acesso a recursos materiais". Curiosamente, a palavra patrimônio se refere a bens materiais enquanto a palavra matrimônio se refere a laços conjugais, ou seja, no patriarcado o casamento seria o maior capital de uma mulher.

Por fim, pude ver por meio de exemplos todo o processo de transformação do simbólico na cultura visual, sobretudo a destituição das deusas, com a institucionalização do patriarcado mesopotâmico. Esse processo gradual constituiu a última etapa na consagração da dominação masculina. Em algum momento ainda irei produzir artisticamente sobre esse tema, porém acabou não se tornando meu foco no TCC em bacharel. No meu trabalho de conclusão de curso para licenciatura aprofundo mais essa temática, ao sugerir obras de arte relacionadas a serem trabalhadas em sala de aula.

Ao mesmo tempo que lia "A Criação do Patriarcado", iniciei, por indicação da minha orientadora Dália, uma auto análise sobre como se deu a minha própria socialização para a feminilidade, examinando de forma mais íntima como se construiu a minha própria individualidade nesse contexto. Revisitando memórias de infância, recobrei um objeto simbólico muito importante em minha trajetória pessoal - a boneca.

A Boneca

Infância e socialização para a feminilidade - a boneca para maternar e casar

Na minha concepção, os cuidadores primários escolhem as primeiras influências na infância de um indivíduo. São eles que compram os primeiros objetos e roupas pessoais, apresentam os primeiros livros, as primeiras obras de arte, os primeiros filmes, os primeiros modelos de como ser, fazer e agir às crianças, que absorvem o contexto em que estão inseridas e reparam em como adultos reagem a seus comportamentos. Como filha mais nova, herdei roupas e brinquedos da minha irmã mais velha, a qual eu observava como modelo e que, desde cedo, gostava e agia como uma 'princesa'.

A princípio, brincava com o que estivesse disponível, fossem pelúcias, carrinhos ou bonecas. Aliás, eu adorava e sempre adorei carrinhos. Apesar de ter ganhado poucos, tenho algumas fotos ainda bebê brincando com alguns, que eram de outras pessoas. Mas com o tempo, conforme eu fui ganhando de presente objetos pessoais, meus gostos foram se condicionando e meu foco mudou. Que me venha à memória, só me lembro de ter ganhado carros que eram acessórios de bonecas, como a Barbie ou a Polly.

Um dos primeiros brinquedos que ganhei em primeira mão foi Bruna, uma boneca de plástico de um palmo de comprimento. Minha irmã também ganhou uma igual, com a diferença de que a pintura do cabelo era castanha. Não sei se por copiar minha irmã ou por interesse genuíno, eu carregava Bruna para todos os cantos. Tanto, que os familiares costumavam me perguntar como estava e quais eram as novidades da 'filhinha'. Sem dúvida foi meu brinquedo favorito por anos, sendo que quando ganhei devia ter apenas dois ou três anos de idade. No começo, o cuidado para com o objeto não era natural, aliás era costume morder as pontas dos dedos da boneca, que achava deliciosas. Mas com o tempo esse cuidado foi se desenvolvendo, não apenas por ter sido educada para isso, mas conforme fui me projetando, cada vez mais, no pequeno objeto. O que queria para mim, fazia pela minha filha imaginária.

Eu era muito carente porque meus pais trabalhavam muito e quem cuidava de mim era minha avó. Eu amava e amo minha avó de paixão, mas confesso que sentia falta principalmente da minha mãe. Parece que ela voltou a trabalhar presencialmente assim que eu completei três meses de vida. Durante o dia vinha pra casa apenas para amamentar, depois voltava para o trabalho. Essa distância deve ter sido bastante traumática para mim, que era descrita como um bebê bravo. Tenho memórias de ter pesadelos à noite e tentar entrar no quarto dos meus pais, que se mantinha trancado. Por isso eu sempre recorria à minha avó para me acalmar. Era ela quem me levava para escola, me dava banho, almoço, cuidava de mim quando estava doente, entre outras coisas.

De maneira geral, sempre fui descrita como brava. Aliás, minha desconformidade com a feminilidade sempre foi muito mais forte em sentido comportamental que o estético. Mas ao mesmo tempo que era questionadora, destemida, sincera e assertiva, por falta de consciência acabei reproduzindo muito machismo e caindo em armadilhas. Outra forma que eu tinha de projetar a minha carência era me dedicar ao sonho de ser amada romanticamente. Passava horas divagando sobre namoro, desejando ter um, elegendo um garoto para gostar e de certa forma perseguir, por conta de meus desejos. Teve um colega de classe que eu até tirei uma foto com a minha câmera da Barbie para colocar debaixo do meu travesseiro.

Voltando às bonecas, depois de Bruna, veio Livia, e depois de Livia, Maria. Todas filhas, todas bebês, cuidadas de forma excepcional. Tinha carrinho e até moisés para levá-las comigo. Meu sonho de infância era ser mãe, por isso eu ficava pensando em tudo que eu faria diferente ou igual aos meus pais em relação aos meus próprios filhos.

As Barbies nunca foram favoritas, apesar de ter inventado uma porção de dramáticas histórias de amor por meio delas. As Pollys eram mais procuradas pelo tamanho e pelo prazer de construir mini cidades para habitar. Por outro lado, era chato trocar suas roupinhas de plástico, que rasgavam com facilidade, além de que seus pequenos sapatinhos se perdiam em um piscar de olhos. As Bratz eram bonitas, porém a única diferença em relação às Barbies era que eram mais maquiadas e pareciam mais decorativas, pois tinham ainda menos mobilidade. Todas essas bonecas adultas, quando apareciam nas propagandas, saíam às compras, porém na prática fazer de conta que compravam era simplesmente entediante. Então essas brincadeiras duravam pouco tempo. Era mais interessante criar histórias cabulosas com elas, dignas de telenovelas.

Das bonecas mais diferentes que tive uma foi uma reprodução da personagem Emília, de Monteiro Lobato, toda colorida e de pano. Na época era comum que as meninas assistissem ao Sítio do Pica Pau Amarelo, pela TV Globo, e se inspirassem na linguaruda protagonista, que sonhava em casar e se tornar uma condessa. Mas essa boneca era menos realista, então por algum motivo despertava menos interesse. Uma outra boneca, mais esquisita, da linha da apresentadora Eliana, servia para fazer penteados e maquiagens. Tratava-se de uma cabeça loura cabeluda encaixada em um par de ombros. Era divertida, apesar de que às vezes era mais prático e audacioso produzir a mim mesma do que produzir a cabeça. Das brincadeiras mais entusiasmantes que havia, afinal era ser a própria boneca - a própria personagem. Ao invés de manusear uma terceira, como uma marionete, interpretar em primeira pessoa fazia ser possível mover o próprio corpo, pular, correr, girar e gritar, ainda que em alguns dias me encontrasse com a mobilidade um tanto reduzida, usando vestido, mini salto e maquiagem.

Em casa também tínhamos matrioskas, bonecas russas, que minha mãe comprou por saber que éramos descendentes de russos. Seu pai, meu avô, que faleceu quando ela tinha onze anos, era filho de russos que migraram ao Brasil antes dele nascer. Eu adorava brincar com elas, de montar e desmontar, embora não tivesse muito mais a ser feito além de admirar. Essas bonecas ficavam em uma prateleira alta da sala, portanto tinha que me pendurar nas estantes para alcançá-las, até que tivesse tamanho para pegá-las tranquilamente.

Adolescência e socialização feminina - a boneca sexual

De certo modo, não tinha sido criada apenas para cuidar das bonecas, mas também para ser como uma, um bibelô dos meus pais, algo nada excepcional na criação de meninas. Mas de repente, tudo mudou. A adolescência foi chegando e com ela fui perdendo ainda mais minha liberdade, pois deveria me comportar como uma "moçinha". Se antes o comportamento atrevido poderia ser considerado engraçadinho, passou a ser considerado ainda mais inadequado. Era preciso ser educada, fechar as pernas, não usar roupas muito curtas e cuidar da aparência. Levei broncas do meu pai por tamanho de saia, fui censurada pela minha irmã que me chamava de puta pelas roupas que escolhia, era chamada de rebelde, e ouvia inúmeros comentários sobre a minha aparência vindos de toda a família, principalmente relacionados aos cuidados do meu cabelo, ao cuidado para não engordar e aos meus pelos.

Na escola havia certa hostilidade para com meninas que ainda gostassem de brincar. As populares eram aquelas que conversavam sobre meninos, namoravam, usavam maquiagem, roupas sensuais e tinham os corpos mais desenvolvidos. Além disso, acreditava-se que

corpos fortes eram mais masculinos, então esportes eram menos praticados por meninas do que por meninos. Com essa mistura de fatores, fui percebendo que as garotas foram se tornando cada vez menos ativas.

Tendo assistido inúmeros filmes de romance, todos os filmes de princesa da Disney, lido diversas revistas adolescentes, e sendo influenciada pela cultura como um todo, que indicava que a máxima felicidade das mulheres estava em relacionamentos, passei a buscar jeitos de agradar os meninos, que naquela época já estavam todos consumindo pornografia online. De boneca de porcelana, a demanda passou a ser me tornar uma boneca sexual - com o cuidado para não acabar sendo chamada de 'puta'. E ao mesmo tempo que sexualidade era um tabu dentro de casa, no ambiente escolar era pauta cotidiana. Por muito tempo fui chamada de 'santinha' pejorativamente por colegas, por não querer apressar as coisas. Eu queria namorar, não ficar com qualquer menino em um jogo de verdade ou consequência. Queria beijar e ficar de mãos dadas, não falar de sexo ou começar a fazer.

Depois de mudar de escola, o jogo mudou porque eu comecei a aceitar mais me mudar para conseguir algum tipo de romance, de contato físico sequer. Mas eu não estava dentro do padrão de beleza daquele ambiente. Eu era magrinha, despeitada, desbundada, peludinha e não alisava o cabelo. Além de tudo eu era muito desprezada e maltratada por ser diferente, por participar das aulas, vestir roupas coloridas fora de moda, ser muito sincera e literal.

Teve uma época que eu estava tão triste, que eu passava horas do meu dia me arrumando, fazendo as unhas, passando maquiagem e arrumando os cabelos. Então eu tirava fotos e quando terminava me vinha um vazio que só poderia ser preenchido com 'likes' que raramente chegavam. Fiz parte de uma das primeiras gerações com acesso a smartphones. Inclusive fiz conta em um site chamado "Formspring", de mensagens anônimas, pelo qual costumava receber muitas mensagens de bullying com teor sexual, como "cospe ou engole?". Eu nem sabia o que significava isso então acabei respondendo "???" e isso foi motivo de ainda mais bullying. Além disso, os meninos que voltavam para casa no mesmo transporte que eu se sentiam à vontade para comentar e opinar abertamente sobre a minha aparência e a de outras meninas que voltavam conosco.

Mais tarde, depois de ser muito rejeitada, acabei me envolvendo secretamente com meninos mais velhos, que me mostravam os conteúdos online que consumiam. Entendi que eu precisava ser um personagem para eles, eu tinha que 'performar'. Eu buscava amor enquanto eles buscavam sexo, ou o mérito de perder a virgindade. Mudei de escola novamente e, por acaso, conheci o feminismo, quando estava a caminho para a casa de uma amiga. Estava acontecendo uma manifestação na Avenida Paulista da 'Marcha das Vadias'. Acabei fazendo amizade com algumas meninas que conheci lá e passamos a trocar figurinhas sobre nossas experiências e leituras.

Nessa época tive uma professora de português que mostrou um vídeo sobre mulheres que politicamente não se depilavam e resolvei aderir à prática. Desde muito nova eu arrancava meus pelos porque garotos me chamavam de macaca e gorila por ser peluda, mas eu nunca gostei da tortura que é ter os pelos arrancados por cera, ou de precisar ficar passando gilete pelo corpo. Mesmo os cremes depilatórios são incômodos e caros. Afinal sou descendente de portugueses então sou mesmo peluda. Apesar de alguns colegas tirarem sarro de mim na escola, e de meu pai e irmã mais velha me infernizarem quanto a isso, me mantive firme na minha escolha e me mantenho até hoje. Mulheres adultas têm pelos. Todavia não posso negar que ao não me depilar tenho o infortúnio de ter que lidar com reações muito negativas de outras pessoas em relação a isso. Entre sofrer de diferentes formas, optei pelo sofrimento social.

No meu último ano escolar, acabei me envolvendo com um menino mais novo que eu, na esperança que o resultado fosse diferente de quando me relacionei com os garotos mais velhos, mas ele acabou se revelando igualmente abusivo. Com o passar do tempo fui perdendo o meu vigor, minha autoestima foi diminuindo e fui convencida de que ninguém além dele jamais iria me querer. Nessa relação, além de ser traída inúmeras vezes e de sofrer violência psicológica, sofri violência sexual. Deprimida, eu literalmente pensava como seria bom ser simplesmente uma boneca, que não sente frio, nem calor, nem tem motivo para sentir qualquer coisa. Assim eu teria uma existência na qual eu cumprisse minha 'função' como mulher, a de ser usada, mas não sofreria dos efeitos emocionais e físicos decorrentes dela.

A questão é que mulheres efetivamente não são bonecas, apesar de ser demandado que hajam como se fossem. É muito triste para mim lembrar desses desejos, que revelam tanto sobre as violências que sofri.

Universidade - a boneca como figura humana

Ao entrar na universidade, me interessei pelo tema da negligência histórica ao prazer feminino, o fato do clítoris ter sido ignorado pela ciência por tanto tempo, de que mulheres lésbicas tinham seus clítoris extirpados na Grécia Antiga, e de que ainda hoje existem mulheres africanas que passam por esse procedimento. A partir desse estudo, para uma disciplina do bacharel em escultura, realizei esculturas comestíveis, em massa de pirulito, que retratavam mulheres se masturbando. O nome do trabalho era "Me Chupa" e foi apresentado sobre uma mesinha, com uma caixa de isopor e uma plaquinha com o título.

Depois de postar fotos dos trabalhos nas minhas redes sociais, fui surpreendida pela reação do meu pai, que foi até onde eu morava para dizer que aquilo era pornografia, que não era arte, que tinha vergonha de mim, que iria escrever aos parentes pedindo desculpas e dizendo que tinha vergonha de mim, e que iria cortar minha pensão alimentícia. Eu nem sabia que ele de fato usava redes sociais. Sem dúvida, meu pai estava preocupado com a própria imagem, com a ameaça de que uma de suas filhas não ocuparia seu devido papel de esposa. Ele nunca quis que eu cursasse Artes e me desincentivou a seguir esse plano. Afinal, as bonecas não podem sentir ou querer, devem se comportar. Mas eu me mantive firme, dizendo que era melhor ele aceitar, porque aquela era eu e aquele era meu trabalho.

Por outro lado, tiveram outras camadas desse episódio que me fizeram refletir. Um colega de curso, que mais tarde se tornou um grande amigo, veio me contar admirado que tinha subestimado o trabalho antes de sua apresentação final. Ele teria visto as esculturas em processo no ateliê de cerâmica e teria comentado com o professor da disciplina sobre como era ruim a qualidade dos trabalhos ali dispostos. Teria dito indignado: "Olha isso aqui!! Tem gente fazendo bonequinhas!!". Mas quando compreendeu que as tais bonequinhas tinham um teor sexual, sua opinião mudou. Eu me senti incomodada com essa história por muito tempo até entender de onde vinha o incômodo.

Não seria toda boneca uma figura humana e toda escultura de figura humana uma espécie de boneca? Porque para a figura humana de uma mulher ser aceita ela precisa ser sexualizada, ou então o trabalho é considerado infantil, pouco ousado ou desinteressante?

Meu amigo me explicou que para ele a genialidade do trabalho estava justamente no fato de subverter expectativas, de ser provocador, simples, popular e profundo, comparando até a Shakespeare, mas também estava na relevância, uma vez que ele efetivamente já tinha conhecido ao longo de sua vida inúmeros homens que não sabiam satisfazer as próprias parceiras. Era afinal um homem interessado nas pautas feministas e em trabalhos conceituais. Porém, seu prévio desprezo por coisas que são tidas como tipicamente como exclusivas ao universo feminino não passou despercebido por mim.

Com o tempo entendi que a vivência de uma mulher artista só é considerada intrigante caso se assemelhe à vivência artística masculina, adotando comportamentos, gostos, práticas, atitudes e interesses tipicamente tidos como masculinos, como por exemplo o interesse

pela temática do sexo. Até porque falar sobre sexo abertamente desperta o gatilho do desejo masculino e costuma ser pré-requisito para ser considerada uma ‘femme fatale’, ou seja, uma mulher interessante aos olhos públicos. Mesmo meu trabalho mostrando uma sexualidade feminina à serviço da própria mulher, por se tratar de uma temática sexual, acabei conquistando a atenção e a aprovação masculina.

A contradição é que, para meu pai, eu era um objeto privado, então não poderia falar de prazer abertamente, enquanto que no meio artístico, sou tida como um objeto público, portanto é esperado que ao menos eu seja capaz de falar sobre prazer abertamente, ou então seria considerada púdica, sem graça e conservadora. Talvez se fossem apenas 'bonequinhas' meu pai não teria se incomodado com meu trabalho. De certa forma, creio que nos é esperado ocupar um lugar de uma espécie de musa como artista. Na história da arte muitas artistas foram lembradas apenas por serem parceiras de outros artistas, não pelos seus próprios trabalhos.

Refletindo sobre o episódio, pensei que esse desprezo pelas bonecas demonstra, assim como o desprezo pelo feminino, também certo desprezo pela infância. As crianças, como as mulheres, sempre foram tidas como inferiores, incompletas e fracas. É como se elas também não tivessem nada a nos acrescentar ou ensinar enquanto adultos, quanto mais uma criança menina. Mas o desprezo pelas bonecas também pode ser lido como um desprezo ao próprio trabalho do cuidado, quase exclusivamente exercido por mulheres. Ou seria um desprezo à boneca como objeto meramente decorativo? Se representa um ódio ao patriarcado, esse ódio estava deslocado para a arte ou artista que meramente o estava reproduzindo, mais que isso, que é vítima dele.

Outros colegas de curso me perguntaram se eu não achava que meu trabalho "Me Chupa" era objetificante, por se tratar de objetos comestíveis em forma de mulher. Mas se fosse assim, as mulheres jamais poderiam ser representadas em qualquer tipo de escultura, porque seria transformá-las também em objetos. Deveríamos pôr um fim à representação feminina? Essa crítica peca pela literalidade, porque o simbólico do trabalho vai em outro sentido. A questão é que existem formas de representar mulheres que não sejam contaminadas pelo machismo, embora se saiba que a depender do observador seu olhar irá objetificar qualquer uma sem distinção. Isso é algo que nós, como criadoras, não seremos capazes de controlar, independente de nossa vontade.

A história de Vasalisa e Baba Yaga - a boneca para intuir

Anos mais tarde, foi lendo a história de "Vasalisa, a sabida" ou "A Boneca" que tive epifanias sobre o uso simbólico de bonecas na formação psicológica das mulheres. Trata-se de um conto tradicional da Rússia, mas também da Romênia, Iugoslávia, Polônia e países bálticos, bem anterior à invenção das matrioskas. Essa história estava no capítulo três do já mencionado livro "Mulheres que correm com os lobos".

Quando a mãe de Vasalisa estava em seu leito de morte, deu à filha uma minúscula boneca que era uma exata miniatura da criança. Tinha a mesma saia, o mesmo avental, a mesma bota e o mesmo penteado. Em suas últimas palavras, a orientou a levar a boneca onde quer que fosse, a perguntar a ela sobre qualquer dúvida que tivesse, a pedir-lhe ajuda e a alimentá-la. Desde então, a menina carregou a boneca no bolso. Depois que a mãe faleceu, o pai se casou novamente e Vasalisa se tornou uma espécie de Cinderela, maltratada pela madrasta e suas irmãs. Certo dia a madrasta e suas filhas tiveram a ideia de apagar o fogo da própria casa e pedir à Vasalisa que fosse à floresta pedir fogo à famosa Bruxa Baba Yaga, na esperança que fosse morta. A garota foi, como solicitado.

No caminho, conforme ficava em dúvida, foi pedindo orientações à sua pequena miniatura. Com isso, conseguiu escapar dos perigos da floresta e acabou encontrando, afinal, a casa de Baba Yaga. Lá ela foi recebida pela velha, que a testou, do momento que a conheceu ao momento que se despediu, realizando uma série de provas. A menina passou em todas, graças à ajuda da bonequinha. Além de tudo, aprendeu uma série de lições de vida com a anciã, que lhe deu um objeto mágico para conseguir voltar para casa em segurança. Quando chegou em casa, a madrasta e as filhas estavam quase morrendo de frio. Contaram que tentaram a todo custo acender o fogo sozinhas, mas não conseguiram. Com o passar do tempo o presente de Baba Yaga as queimou por dentro até que se reduziram a cinzas. E Vasalisa pôde então viver livre de suas algozes.

A boneca, ao invés de servir como modelo do que uma menina precisava se tornar para ser aceita e amada (sem vida, sem vontades, decorativa e manipulável), sendo a imagem semelhança de Vasalisa, serviu como instrumento para que acessasse a sua própria intuição e aprendesse a cuidar de si mesma. Sim, Vasalisa se projetava no objeto, mas o objetivo final era que, com isso, se auto descobrisse a ponto de tomar propriedade sobre si mesma, e não que se tornasse como o próprio objeto inanimado. O processo de socialização em sociedades patriarcais parece fazer o reverso. A boneca é usada como um fim em si mesma, em um processo de metamorfose para te tornar uma, e não como um meio de autoconhecimento, até que você não precise mais dela.

Depois de ler esse conto fiquei imaginando se talvez as famosas figuras femininas do neolítico não cumprissem um objetivo parecido, de auxiliar no acesso à intuição, posto que eram pequenas estatuetas que cabiam em mãos. Concluí que o objeto boneca, por si só, não é ruim. O que o torna ruim é o que se propõe como uso dele. Assim nasceu "La que Cria", uma escultura de uma mulher grávida, com um buraco oval na barriga, que gesta ideias, sobre a potência criativa inerente das mulheres, que não se limita à capacidade de gestar crianças, por mais grandioso que isso seja por si só.

Considerando outros trabalhos que poderia realizar utilizando a simbologia da boneca, me peguei pensando que jamais conseguiria realizar um trabalho de arte que desfigurasse uma. Seria como ferir a mim mesma. Não só pelos laços afetivos que criei com esses objetos na infância, mas por uma questão de identificação. Eu sinto vontade de cuidar delas. Por mais que cumpram uma função no patriarcado, não são as culpadas, são meramente usadas por ele. Por isso, não faria sentido extravasar minha raiva nelas. Essa atitude seria semelhante aos atos de auto ódio que desferimos contra nós mesmas. Atualmente, para mim, as bonecas meramente decorativas possuem uma tristeza quase que inerente, não me despertam ódio mas pena e compaixão.

Tive a ideia, no entanto, de realizar uma série de colagens de imagens de bonecas, domésticas e sexuais, de crianças e de adultos, que sintetizassem esse lugar que os patriarcados nos colocam. Colagens que mostrassem a antítese das expectativas que jogam sobre nós, o contraste entre as idealizações que meninas nutrem e o que se espera de nós enquanto adultas, entre o dispositivo materno e o dispositivo sexual. É perverso. Não somos ensinadas a cuidar de nós mesmas, mas a cuidar e a nos preocupar com o outro. Não somos ensinadas a sermos protagonistas da própria história, mas passivas coadjuvantes que, com sorte, serão salvas. Os patriarcados nos querem eternamente dependentes.

No processo de experimentação das colagens, descobri a silhueta da matrioska como máscara para recortes, perfeita para exemplificar as camadas, tanto geracionais, quanto da socialização individual, como também para exemplificar a modelagem que sofremos de material bruto, natural, a material decorativo, constrito, imóvel. Por sua vez, a escolha da temática do matrimônio, em Rito Fúnebre, surgiu principalmente a partir da leitura de outro livro, chamado "Amar para Sobreviver - Mulheres e a Síndrome de Estocolmo Social", da psicóloga Dee. L. Graham. Não obstante, pretendo continuar com a pesquisa em torno das bonecas, abordando outros temas, pois ainda tenho muitas ideias que não foram postas em prática.

'Amar para Sobreviver' e a violência masculina contra as mulheres

Na obra, a autora compara a psicologia das mulheres com a psicologia de pessoas em cativeiro. Na dependência do captor, sentindo que não há possibilidade de escapar, o cativo faz de tudo para sobreviver, até mesmo se afeiçoar ao algoz, tanto como estratégia para conquistá-lo, quanto para manter a esperança de um futuro diferente, se protegendo com isso dos efeitos psicológicos devastadores das sensações de medo e perigo. Assim, ela explica as condições macro sociais que condicionam as mulheres a buscarem relacionamentos heterossexuais, mesmo que ofereçam claros perigos a elas. Como trata-se de uma teoria muito complexa, não vou tentar explaná-la nesse texto, prefiro recomendar a leitura do livro em primeira mão. Todavia, há um fenômeno muito interessante que ela descreve na publicação que vale a pena destacar: a clivagem.

A clivagem acontece quando pessoas não conseguem enxergar simultaneamente o lado bom e o lado ruim de uma ou mais pessoas ou situações. Quando o oprimido não vê chances de escapar da sua condição, para se proteger do sentimento de terror e não destruir a própria esperança, o lado ruim do opressor acaba sendo negado enquanto há uma percepção exagerada das boas características ou atitudes.

"Uma das consequências da clivagem é que as mulheres separam os homens em duas classes, os predadores (estupradores, agressores, perpetradores de incesto) e os protetores. Essa compartimentalização faz com que elas não consigam reconhecer que, ao mesmo tempo, todos os homens são gentis com as mulheres (de certa forma) e também promovem a violência contra a mulher e se beneficiam dela. Todas as mulheres parecem empregar a clivagem, de um jeito ou de outro. Referindo-se às antifeministas, Rowland (1984) comenta: "Há (...) dois tipos de homens: pais e maridos decentes e amorosos, e homens irresponsáveis, solteiros e sem filhos" (p. 220). O marido que estupra e espanca a esposa e o pai que abusa sexualmente dos filhos não são reconhecidos; nem o solteiro bondoso e responsável. Qualquer pai ou marido é, por definição, visto como bom; e qualquer solteiro, como indigno de confiança. Rowland (1986) constatou que as feministas "abominam (...) a violência e a crueldade dos homens", enquanto "as antifeministas parecem desconhecer (essa violência e essa crueldade) ou acreditar que elas só acontecem em casos raros" (p. 687).

[...] As mulheres costumam negar que os homens do seu círculo íntimo - o grupo mais propenso a agredir mulheres (SMITH, 1988) - são perigosos. Na verdade, nós, mulheres, costumamos considerar os homens próximos "amorosos" e "maravilhosos", enquanto redirecionamos o medo para os homens desconhecidos e a raiva para alvos mais seguros: nós mesmas, outras mulheres e crianças.

[...] O fato de o acaso determinar qual mulher individual será atacada num dado momento ("ela só estava no lugar errado, na hora errada, como os estupradores não nos deixam esquecer) nos ameaça e nos faz sentir que temos pouco ou nenhum controle sobre se nos tornaremos vítimas e quando. A teoria da atribuição defensiva (SHAVER,1970; WALSTER, 1960) estabelece que essa ameaça de vitimação costuma ser combatida num nível inconsciente de maneira que as mulheres (vítimas em potencial) nunca precisem reconhecer conscientemente o quanto estão vulneráveis."

Essa análise ajudaria a explicar, por exemplo, porque ocorrem os fenômenos da culpabilização da vítima, em relação a terceiros, e da auto culpabilização, em relação a si própria. A culpabilização da vítima serve para a acusadora dizer a si mesma que é diferente da vítima e que, portanto, aquilo nunca pode lhe ocorrer. Enquanto que a auto culpabilização pode ser uma maneira de evitar o sentimento de medo, aversão e humilhação em se entender como vítima, de sentir que tem algum poder sobre a situação, e de preservar a autoestima. Ou seja, em ambos os casos esses fenômenos estão ligados a tentativas de autoproteção.

Pode ser devastador demais para algumas mulheres perceber o quanto estão vulneráveis à violência masculina e aos efeitos nefastos do machismo no geral. É preferível manter-se inconsciente sobre o assunto. Por que mulheres compactuam com o patriarcado? É uma questão de sobrevivência, necessidade. Além do mais, se as bases da sua identidade foram construídas sobre gelo, pode ser que você se mantenha no frio indeterminadamente até que tenha coragem de se reconstruir. Mas o bom da verdadeira autoanálise feminista é que por incrível que pareça ela te tira de um lugar de culpa e te mostra que efetivamente você só compactuou com a própria opressão porque, como sujeito, é fruto de um processo histórico-social-cultural muito antigo, muito maior do que si mesma. O machismo, assim como racismo, é estrutural.

Outro motivo da escolha da temática do matrimônio é que, além do livro, eu também estive acompanhando as estatísticas sobre feminicídio no Brasil, que só cresceram nos últimos anos. Em nosso país, mais que o dobro dos homicídios de mulheres acontecem dentro de suas casas, em comparação aos dos homens. E em 2022, 82% dos feminicídios registrados no Brasil foram cometidos por companheiros ou ex-companheiros das mulheres assassinadas. Na minha percepção, não há tanta comoção e indignação em torno dessas mortes quanto deveria ter. São tratadas como mortes quase que naturais, como infortúnios ou acidentes, são pouco comentadas. O que não é de se surpreender, já que uma pesquisa da ONU de 2023, que envolveu mais de 80 países, revelou que um 1/4 dos entrevistados acreditam que a violência de um homem contra a esposa é de alguma forma justificável.

Mas a gravidade desses crimes vai além do horror da misoginia ou de tirar a vida de alguém. Pesquisas revelam que a maioria das vítimas de feminicídio são mães. Isso significa que, depois das assassinadas, as crianças costumam ser as maiores vítimas desse tipo de crime, posto que, quase sem exceção, estavam sob os cuidados exclusivos da mãe antes do crime acontecer. Segundo reportagem do Portal Uol, em 80% dos lares brasileiros onde um homem tentou matar uma mulher com uma faca ou arma de fogo, essa vítima era mãe e provavelmente os filhos assistiram às agressões. De todas as mulheres que sofreram qualquer tipo de violência doméstica, 60% tinham filhos. E mães representam 74% das vítimas de estrangulamento e tentativa de espancamento, 65% das que são agredidas com tapa, soco, empurrão ou chute, e 65% das que sofrem ameaça de agressão física.

Os próprios relatos gravados para a parte sonora de "Rito Fúnebre" escancaram essa realidade. Em muitos, selecionados de forma aleatória, o crime é cometido na frente dos próprios filhos do casal. O que será do futuro das crianças que tiveram as mães assassinadas, depois de um evento tão traumático como este? Será que os brasileiros se preocupam tanto quanto dizem com as próximas gerações? Porque, se lutam tanto contra a legalização do aborto (58% disseram à ONU que aborto nunca é justificável), deveriam se preocupar igualmente com as crianças que já nasceram. Isso significa cobrar políticas assistenciais para mães, até porque estas chefiam 48% dos lares no Brasil, segundo IBGE, sendo 17,8% chefiados por mães solo, segundo pesquisa da FGV.

Outro padrão que pude acompanhar, por meio da leitura e seleção dos relatos presentes em meu trabalho, é que a maioria dos feminicídios acontecem quando a mulher decide se separar, o que corrobora para a já citada tese de Dee L. Graham, comprovando que ficar em um relacionamento é questão de vida ou morte, não apenas subjetivamente, ou de forma indireta, mas em muitos casos literalmente. Ela explica que, geralmente, para escolher o término, o risco de morrer estando dentro dessa relação tem que ser maior do que o risco que a mulher enfrentará saindo dela.

Quem ama liberta

A escolha do tema também se deu porque estive acompanhando pelas redes sociais o memorial de feminicídios Quem Ama Liberta, criado e alimentado por Regina Jardim, cujos casos divulgados sempre me estarreceram. Cada nova postagem é o registro de um novo caso de feminicídio noticiado por portais de notícias. Todos os dias, Regina, que perdeu uma filha por feminicídio, faz o trabalho

doloroso de pesquisar por mais casos para atualizar o memorial. Para quem não conhece, vale muito a pena conhecer. Foi a partir desse memorial, em parceria com a Regina, que eu selecionei os 69 casos de feminicídios narrados na parte sonora de "Rito Fúnebre". A princípio eu não sabia como inserir os relatos no meu trabalho, se por meio de fotos ou registros escritos, foi quando a minha orientadora me sugeriu usar o recurso do áudio que encontrei a solução. As vozes são de amigas e conhecidas que toparam emprestar sua fala para mulheres que já não têm como contar as próprias histórias.

Meu intuito foi criar um contraste. Decidi, através das imagens, mostrar a narrativa sobre matrimônio que é vendida todos os dias para meninas e mulheres, e, através do som, mostrar narrativas reais de mulheres que morreram por acreditarem nesse ideal. Afinal ninguém se casa, ou se envolve com alguém pensando que seu noivo ou namorado um dia será seu próprio assassino. Todas que foram mortas nessas condições, sem exceção, acreditaram no sonho. E quando era tarde demais...

É claro que nem todo casamento termina em feminicídio. Meu trabalho não tem como propósito criar um falso alarme. O assassinato é a máxima violência que pode ser cometida contra uma mulher dentro de uma relação. Mas existem muitas outras, das mais sutis às mais escancaradas, que acontecem com muito mais frequência antes de chegar nesse ponto. Poderia ser eu? Poderia ser alguém que eu conheço? Alguém pode se perguntar ao se deparar com o trabalho.

Teço a crítica de que é difícil encontrar qualquer relação heterossexual livre de violência masculina, seja ela sexual, física, psicológica, patrimonial ou moral. Embora existam exceções à regra, é cruel o fato de que a cultura continue aconselhando mulheres a apostarem todas as suas fichas, a dedicarem toda sua energia a isso. Conseguir um relacionamento com um homem que seja livre de qualquer tipo de violência é como ganhar na loteria. Nunca se sabe o que está por trás de fotos românticas de redes sociais. Enquanto isso as mulheres seguem jogando roleta russa. Mesmo as desigualdades estruturais entre homens e mulheres deveriam contribuir para que mulheres tivessem mais receio de adentrar nessa jornada.

Por mais que um marido seja 'incrível', 'trabalhador', 'bom pai', em comparação com a média masculina, existe toda uma carga de trabalho que acaba recaindo à mulher, principalmente quando se torna mãe. É o tão falado trabalho não remunerado do cuidado, da limpeza, da alimentação, da organização e do planejamento familiar. A própria diferença salarial no mercado de trabalho gera uma diferença de status e influência que, na hora de escolher, a mulher seja a pessoa da relação a abdicar da sua carreira por um tempo em prol da criação dos filhos. Sendo que geralmente, nunca tem seus esforços reconhecidos tanto quanto os homens. E mesmo quando tudo vai 'bem', na hora da doença é comprovado estatisticamente que homens tendem a abandonar mais suas parceiras do que o contrário, cerca de 70% dos homens abandonam as companheiras após diagnóstico de câncer por exemplo.

Eu mesma, como mulher, preciso me proteger dessa armadilha. Não que eu tenha sonhado muito com casamento, mas já pensei que vestido usaria, onde seria minha festa, como seria a decoração e o que eu esperaria de uma relação conjugal. Particularmente o que eu mais sonhei foi em relação a filhos. Mas todo esse imaginário também me afeta, toca em pontos sensíveis para mim, na minha carência, nas minhas fragilidades, no desejo de ser amada... Até mesmo no desejo de ser aprovada por parte da minha família paterna, que insistentemente quer saber sobre namorados, querem saber se está namorando, quando vai noivar, e quando está noiva quando vai casar, e assim por diante. Fui criada, afinal, para ser a esposa de alguém.

Mas mais doloroso que abandonar um sonho, um ideal, ainda que não fosse totalmente meu, é viver para agradar outras pessoas, é embarcar nessa jornada e passar por todas as violências que já estudei, é viver uma expectativa que nunca se concretiza. Melhor frustrar o sonho antes do que passar por tudo isso. É possível criar expectativas que condizem mais com a realidade, com o que é possível e provável, na qual idealizo viver por mim, sem a dependência do amor masculino. Falo também sobre mim, porque eu também sou uma mulher que cresceu em uma sociedade patriarcal e que vivencia tudo isso na pele. Como bem pontua o slogan feminista, "o pessoal é político".

helenakozla@gmail.com

©2023 por Helena Kozlakowski

BIOGRAFIA



Helena Kozlakowski nasceu em 1996 em São Paulo, cidade onde vive até hoje. É a segunda de quatro filhas, sendo duas do casamento de seu pai com sua mãe, e duas do segundo de seu pai. Pelo lado paterno, recebeu uma educação bem tradicional. O lado materno, por sua vez, concedeu mais liberdade. Começou a se interessar por arte muito pequena. Segundo a sua avó, já rabiscava quando ainda era bebê, sentada no cadeirão enquanto esperava a comida ficar pronta ou enquanto comia. Depois, por volta dos cinco anos, pegou hábito de desenhar à noite, sentada na mesa da cozinha ao lado de sua mãe, enquanto ela revisava seus projetos arquitetônicos e sua avó cozinhava. Essa foi a maneira que encontrou de estar próxima de quem amava. Até porque era apaziada quando fazia trabalhos bonitos.

Como tinha habilidades artísticas, continuou praticando. Dentre todas as matérias da escola, Artes era a disciplina onde brilhava. Quando foi introduzida à argila em uma aula, ficou fascinada por esse material. Pedia para sua mãe comprar para experimentar em casa. Nunca mais perdeu o gosto, sendo a cerâmica a principal linguagem usada por ela. A pintura a princípio também era de seu interesse, mas depois foi perdendo o encanto, sendo substituída por outras linguagens. Além das artes visuais, tem uma forte relação com as artes do corpo e a música. Desde pequena frequentou aulas de piano, canto, percussão, dança e teatro. Não à toa, há uma presença muito forte do corpo em seus trabalhos, que também são em geral interdisciplinares ou multimídia.

Adestrando a universidade, escolheu o bacharel em escultura, que permitiu que trabalhasse a intersecção entre performance, objeto e instalação/instauração. Esse diálogo se faz presente em trabalhos como "Me Chupa", "Cara a Cara com São Paulo", "Canteiro", "Eletric Indigo" e "Arte no pé". Mas também foi nessa instituição que desenvolveu um forte gosto por fotografia, realizando uma série de ensaios, como "Urbana", "Masculinú", "Construção" e "Colhendo Seixos". A escultura, em sua apresentação mais clássica, está presente em exercícios e na obra "La que Cria".

Dentre as temáticas mais frequentes em suas artes, estão a relação com a cidade, a relação com o corpo, o nu, o erotismo feminino, a memória coletiva e individual, a memória histórica e assuntos ligados ao feminismo em geral. Como ilustra o trabalho "Arte no pé", para a artista toda arte é política. Essa concepção condiz com seu assíduo envolvimento com o movimento estudantil durante a graduação, tendo se engajado especialmente com a luta pela continuidade do direito a creches. Sua experimentação de escultura social, "Canteiro", inspirada no trabalho de Joseph Beuys, foi realizada em parcerias com professoras, pais e crianças na Creche Oeste, que na altura estava sofrendo ameaça de fechamento.

Como artista mulher, suas artes dialogam sobre a dinâmica do pertencimento e não pertencimento. O pertencimento ou não na família ("Colhendo Seixos"). O pertencimento ou não na cidade ("Urbana", "Cara a Cara com São Paulo" e "Construção"). O pertencimento ou não na história ("Universitária", "Canteiro"). O pertencimento ou não no meio artístico ("La que Cria", "A Artesã"). O pertencimento ou não na política ("Arte no pé"). Ou do próprio corpo ("Me chupa", "La que Cria"). Embora se sinta pertencente, como mulher, muitas vezes não é bem vinda ou bem tratada. É comum que seja invadida ou ignorada. Então, como a exclusão acontece de fora para dentro, as obras são lugar de questionamento e afirmação. "Existo, mereço, pertencço, participo, importo e sou."



helenakozla@gmail.com

©2023 por Helena Kozlakowski